

NEGROS EM LAGUNA: (In)visibilidade das populações afrodescendentes em Laguna na primeira metade do século XX

Julio Cesar da Rosa*

RESUMO: Neste artigo abordamos espaços de presença e inserção de populações afrodescendentes na cidade de Laguna (SC) na primeira metade do século XX, através de análises a respeito das experiências de sócios dos clubes sociais negros União Operária e Clube Literário Cruz e Souza. Para isso, dialogamos com a historiografia catarinense e regional e utilizamos fontes históricas, como dados de censos populacionais, Livros Atas e Estatutos dos dois clubes, jornais, mapas e imagens antigas da cidade. Assim, pretendemos apresentar a população de afrodescendentes de Laguna e sua organização nos espaços urbanos da cidade no período explicitado.

PALAVRAS-CHAVE: História; Afrodescendentes; Laguna/SC; Espaço urbano.

Blacks in Laguna : (In) visibility of African descents population in Laguna in the first half of the twentieth century.

ABSTRACT: In this article, we discuss the spaces of presence and insertion of the population of African descent in the city of Laguna (SC) in the first half of the 20th century, based on the analysis of the experiences of the members of two black social clubs, União Operária and Clube Literário Cruz e Souza. For such, we dialogue with the Santa Catarina and regional historiographies. Besides, we use historical sources, such as data from population censuses, Books of Minutes and Statutes of the two clubs, newspapers, maps and old images of the city. By doing so, we intend to present the population of African descent of Laguna and its organization in the urban areas of the city in the aforementioned period.

KEYWORDS: History; Populations of African descent; Laguna / SC; Urban space.

Negros en laguna:(In) visibilidad de la población afrodescendientes en Laguna en la primeira mitad del siglo XX.

RESUMEN: En este artículo enfocamos el espacio de presencia y inserción de la población afrodescendiente de la ciudad de Laguna (SC) en la primera mitad del siglo XX, a través del análisis de las experiencias de los socios de los clubes sociales negros União Operária y Club Literario Cruz e Souza. Para ello, dialogamos con la historiografía catarinense y regional, y utilizamos fuentes históricas como datos de censos de la población, los estatutos de los clubes, periódicos, mapas y fotos antiguas de la ciudad. Así, tenemos la intención de presentar la población afrodescendiente de Laguna y su organización en los espacios urbanos de la ciudad en el periodo mencionado.

PALABRAS CLAVE: Historia; afrodescendiente; Laguna / SC; espacio urbano.

*Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina, atualmente trabalha na Secretaria do Estado de Educação do Estado de Santa Catarina-SED. Email: juliusdarosa@gmail.com

A cidade: um olhar sobre Laguna no início do século XX

Segundo João Leonir Dall'alba (1979), Laguna foi “fundada” em 1676, ou em 1684, pelo vicentista Domingos Brito Peixoto e seus dois filhos, junto com sua família de homens livres, indígenas e cativos africanos, que o acompanhavam no estabelecimento do povoado na costa Sul do Brasil. A fundação está ligada a uma estratégia de povoamento e proteção do Brasil meridional, segundo Mariléa Martins Leal Caruso (2000, p. 81).

Laguna¹, no início do século XX, como outras cidades do Brasil, foi palco de transformações, reestruturação do espaço urbano, surgimento de instituições disciplinares que, segundo a literatura especializada, buscava a reformulação das condutas e das sociabilidades, tornando-as mais adequadas ao mundo moderno que se instituíra (ARAÚJO, 1989; BITENCOURT, 2007). Formada por pequenas praças, ruas estreitas com calçamentos de pedras disformes, a cidade era entrecortada por pequenas encostas. Conforme Aloísio dos Reis, o centro da cidade situa-se entre dois morros, “voltado para a lagoa denominada de ‘Santo Antônio’, te[ndo] assim, seus limites definidos pelo relevo entrecortado. Os bairros mais antigos, Campo de Fora e Magalhães, surgiram contíguos ao centro” (REIS, 1996, p. 42). Navegantes, Progresso (Roseta), Portinho, e Cabeçadas eram bairros tipicamente residenciais.

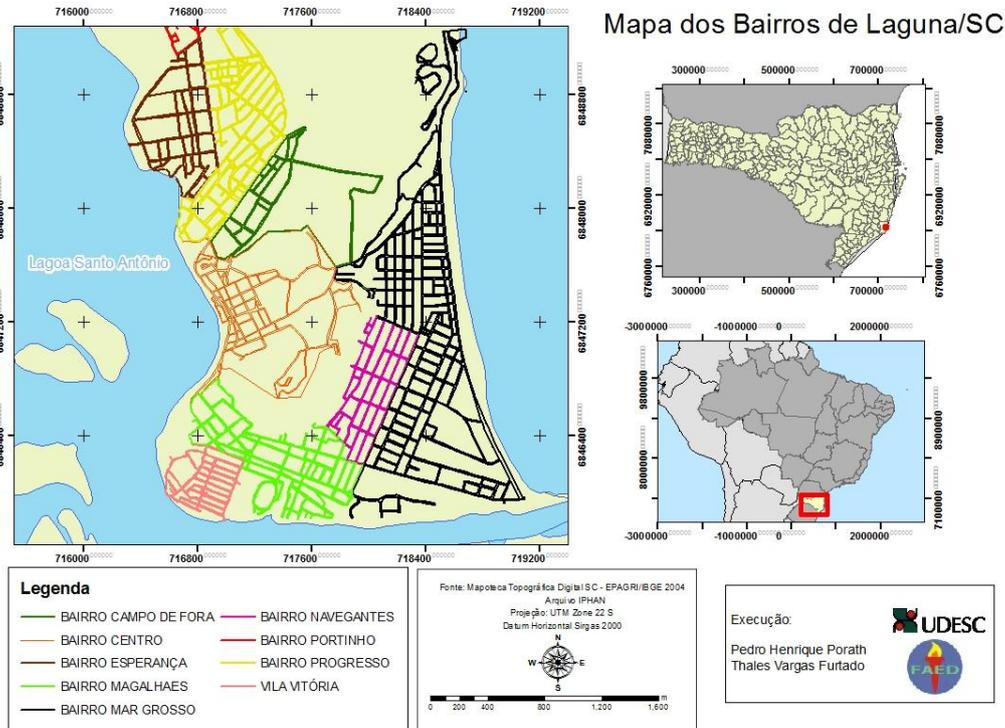
Campo-de-Fora e Magalhães concentraram moradores de classe média (médios e pequenos) e de baixa renda; bairros como Progresso e Navegantes, formados basicamente por populações de baixa renda, começaram a assumir, com seu crescente processo de urbanização, perfil de classe média. As populações de baixa renda (constituídas em sua maioria por negros) foram arrastadas sistematicamente para contornos periféricos como Portinho e Cabeçadas, ou para locais de menor valor imobiliário.

Segundo Reis, esse processo de deslocamento dos pobres ocorreu em virtude da crescente valorização imobiliária do espaço urbano. No entanto, esta não é a única justificativa possível, pois as intervenções solicitadas pelos comerciantes de Laguna e sua continuidade, com a ação do poder público como a desapropriação e demolição do Largo Treze de Maio, indicam a preocupação em se ter na cidade um ambiente salubre de acordo com os novos preceitos da higiene, como matéria encontrada no Jornal *O Albor*:

Até hoje já foram demolidas 6 edificações, faltando apenas o desaparecimento das quatro casas restantes. É este um ato de preparação, não só para o saneamento da cidade, que tinha ali um dos lugares mais inadequados à vida de cidade que se vae desenvolvendo de acordo com os novos preceitos de higiene [...]. Por esse motivo felicitamos a Superintendência por estes utilíssimos melhoramentos, com que será dotada a cidade (O ALBOR. Laguna. 7 de maio de 1922 apud REIS, 1996, p. 42)².

Essas ações de remoção/exclusão das populações afrodescendentes e pobres do centro da cidade, no final do século XIX e início do século XX, produziram espaços definidos por meio do *status*, gerando um afastamento territorial entre classes sociais distintas.

Imagem 1 - Perímetro urbano de Laguna com localização dos bairros.



Fonte: PORATH, Pedro Henrique; FURTADO, Thales Vargas. 2010.

De acordo com Saul Ulyssea, no processo de expansão da cidade de Laguna desencadeou-se uma segregação espacial entre o centro e o arrabalde de Magalhães, local que abrigava uma população mais pobre (ULYSSEA, 1943 apud LUCENA, 1998, p. 36). Havia certa aversão entre os moradores da região central da cidade e do bairro Magalhães, pessoas de menos destaque social. Os residentes na cidade não se aventuravam ir ao Magalhães à noite, sobretudo para o interior do bairro, “onde era quase certa a agressão”. A região era marcada por estereótipos negativos, sendo seus moradores apelidados de caboclos (ULYSSEA, 1943, p. 12).

Liliane Monfardini Fernandes de Lucena (1998, p. 44) destaca que próximo a esse bairro surgiu, por volta de 1880, um novo povoamento, designado Areal, atualmente “chamado de Bairro Progresso, que cresceu significativamente durante o período da Primeira Guerra Mundial, ocupado por uma população mais pobre, de trabalhadores da estrada de ferro”.

Afirma que nesse mesmo período, no bairro residencial das pessoas mais abastadas da cidade, na Rua da Praia (atual Gustavo Richard) estava situado o Porto; a Rua ‘Direita’ (atual Raulino Horn) e da Igreja eram os logradouros de maior prestígio social e onde aconteciam algumas atividades de prestação de serviço como a primeira Agência de Correios (LUCENA, 1998, p. 82).

Imagem 2 – Casa de Correio - Rua Direita.



Fonte: Rua Direita ou Raulino Horn, década de 1920 (Arquivo IPHAN).

Os espaços de sociabilidade e lazer centravam-se nas regiões mais próximas ao núcleo urbano, onde também se organizava uma classe mais abastada que, aproveitando-se do crescimento econômico da região, em especial por conta das atividades do porto e da estrada de ferro, tomou a iniciativa de transformar a cidade, valendo-se de anseios e projetos, na tentativa de construir uma urbe mais civilizada, higiênica e polida.

Segundo Lucena, as Ruas Gustavo Richard, Osvaldo Cabral, XV de Novembro, Rua da Praia, Rua da Igreja e Raulino Horn eram as principais ruas comerciais, sendo as demais “predominantemente residenciais, com pouco movimento de carroças” (1998, p. 101). Estes

logradouros foram os primeiros a sofrer transformações na reestruturação dos espaços urbanos. O período entre o final do século XIX e o começo do XX culminou em transformações citadinas, sinônimo do que ocorreu em outras cidades e capitais brasileiras, como Curitiba, Florianópolis, São Paulo e Rio de Janeiro. Além das composições físicas, também se propunha reformular as condutas da população. Um dos objetivos do período era colocar o Brasil entre as “nações civilizadas”, inculcando novos valores considerados higiênicos, limpos, pautados no progresso (ARAÚJO, 1989).

Diante dessas mudanças surgiram problemas e tensões sociais comuns ao mundo urbano, características presentes em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, mas também marcantes em Laguna, onde disparidades econômicas e sociais operaram no sentido de excluir pobres e indesejáveis dos espaços centrais de sociabilidade e lazer, bem como dos seus territórios interacionais. Segundo Lucena, a Praça da Matriz ficou cercada até meados de 1930, separando pessoas “do interior (área rural) ou de famílias de classe média e as famílias tradicionais” (1998, p. 111), evidências que apontam para a exclusão e a não convivência de classes sociais distintas.

Então, quando chegavam os domingos, principalmente, havia os passeios pelo jardim ... então pela parte de dentro ficavam as micinhas [mocinhas] da sociedade, circulando, e pela parte de fora, na calçada eram as demais, que não pertenciam às famílias tradicionais... não se misturavam. Depois inverteu a turma da sociedade por fora e os demais por dentro. Isso, até 1945, aproximadamente.³

O depoimento do senhor Gonçalo Barbosa (67 anos), aposentado como comerciante, aponta para a existência de exclusão de determinados grupos sociais de alguns espaços em Laguna. Dona Maria Viana da Silva, nesta mesma direção, afirma a ausência de contato, na Praça da Matriz (na época denominada Jardim Calheiros da Graça), entre grupos considerados subalternos e as elites:

O jardim, o jardim era cercado, de sarrafo assim, os mais ricos passeavam por dentro. Tudo de braço né, naquele tempo o passeio era dentro do jardim! Os namorados. E os pobres por fora, é aquele é! do centro [atual Praça da Matriz]. O mesmo jardim aquele. Os pobres, branco e negro também! já sabiam que não podiam.⁴

Ambos os depoimentos, relatando situações cotidianas de exclusão social dos ambientes de sociabilidade de Laguna, permitem percebermos historicamente a construção de lugares sociais para os diferentes grupos e seus conflitos. O reconhecimento da existência de

exclusão social, de que pobres, brancos e negros, também não podiam estar em um determinado local evidenciavam marcas de um conflito.

Imagem 3 - Vista parcial da Rua da Praia (atual Gustavo Richard⁵).



Fonte: BITENCOURT, João Batista. 1997.

A presente imagem contribui para a formação da narrativa de Guedes Junior (1994, p. 13) a respeito da grande movimentação da estrada de ferro que, junto com as atividades portuárias, possibilitou maior contato entre os munícipes que circulavam nos arredores, trabalhando, recebendo e expedindo mercadorias, além da constante passagem de imigrantes alemães e italianos que até 1915 utilizavam o porto de Laguna para desembarque e dali se instalavam nas proximidades. Essas atividades permitiram a constante interação entre pessoas que chegavam e saíam através do porto e que ficavam sabendo de novidades procedentes de outras cidades como Florianópolis, Rio de Janeiro e São Paulo.

Esse contato entre visitantes, vendedores, exportadores com as elites dirigentes foi fundamental para a reestruturação tanto no modo de vida quanto na reconfiguração da cidade. Desse modo, as elites dirigentes cobraram do poder público o cumprimento do disposto no código de posturas municipais, com a intenção de solicitar ordem no que tange ao funcionamento de determinados estabelecimentos: “pedem-nos que chamemos a atenção do

sr. zelador municipal para que faça observar o disposto no Código de Posturas Municipais no que resguarda as horas do fechamento, á noite, das casas de negócio. Não é raro verem-se abertas até as 11 horas da noite e até mais tarde⁶.

Élio Cantalício Serpa (1995), analisando os projetos/esforços de modernização em Laguna e Lages, por meio do exame de jornais e dos códigos de posturas municipais, percebeu que os grupos dirigentes da cidade, como comerciantes, profissionais liberais, altos funcionários públicos, desejavam para Laguna o *status* de *cidade civilizada*. As evidências são inúmeras, como por exemplo, a encontrada no Artigo 21º do Código de Posturas Municipais⁷ que buscava normatizar os espaços da cidade:

Os proprietários farão retocar, cair ou cobrir de dois em dois anos, nos meses de Setembro a Dezembro, a frente de seus prédios, e pintar a óleo ou verniz de três em três anos, nos referidos meses, as portas, janelas, postigos, caixilhas, varandas, grades e gradis de ferro que ficarem para as ruas.⁸

Dar às cidades, naquele contexto, um tratamento estético era absolutamente vital para a construção da ideia de progresso e civilização. Nesse sentido, o poder municipal buscou com esses códigos de posturas (ELIAS, 1990) normatizar, não só as construções e a urbanização da cidade como também as condutas, esquadrinhando práticas e atitudes de homens e mulheres ali presentes.

Imagem 4 - Vista da esquina do ABC e Rua Raulino Horn, antiga Rua Direita na década de 1920.



Fonte: BITENCOURT, João Batista. 1997.

A imagem enfocada anteriormente traduz esses esforços, de fazer com que as pessoas da região mais nobre e central da cidade, cuidassem da aparência dos seus casarios, por isso a cobrança quanto ao aspecto físico, estético, visual. Tais exigências podem ter contribuído, junto com o aumento dos impostos sobre terrenos e construções urbanas, para afastar dessa região as pessoas de poucas posses, que não teriam condições financeiras para investir constantemente no embelezamento de suas residências e arcar com os custos maiores de impostos prediais.

O processo de embelezamento, ligado às exigências de projetos arquitetônicos, vistos como modernização e eliminação de maus hábitos da cidade, podem ter contribuído para tal exclusão, como demonstra documento solicitando liberação para construção junto ao poder público com a confirmação de projeto arquitetônico que atendesse às requisições solicitadas: “João Nunes Neto, pretendendo edificar um prédio em condições modernas e estéticas, nas ruas Gustavo Richard e Fernando Machado, fazendo frente para ambas [...]” (*Ofício endereçado ao Ilmo. Sr. Prefeito Municipal Provisório*. Laguna, 28/12/1935)

Tais esforços para uma cidade desejável também apresentam reclamações, definições e costumes tidos como indesejáveis:

[...] com o intuito de fazer desaparecer uma cena que tanto nos envergonha, como era a formada pela turma de pedintes que, quase diariamente, andava de porta em porta esmolando, o nosso comércio... num gesto que muito o dignifica, encarregou as bondosas senhoras que constituem a Associação Damas de Caridade de distribuírem semanalmente... as quantias que por eles lhes fossem entregues... Pois bem. O saneamento foi feito... É preciso que aquelas cenas degradantes, desenroladas às nossas vistas, de verdadeiro assalto aos viajantes por ocasião da chegada de um trem ou vapor, não mais se reproduzam. A polícia cumpre zelar pelo que está feito, prendendo se necessário for estes indivíduos.⁹

Como indica João Batista Bitencourt, as elites dirigentes, por meio dos periódicos locais, o Jornal *O Albor* e *O Pýrilampo*, procuravam inculcar padrões de comportamento estabelecidos pela nova ordem social vigente. Para esses cidadãos do mundo urbano caberia comportar-se com hábitos polidos, higiênicos e salubres que os identificaria como “civilizados”. Essas atitudes, de manter afastadas da cidade estas “cenas” consideradas degradantes, sugerem práticas excludentes por parte das elites dirigentes. A manutenção da exclusão efetivada pela intervenção do poder público constitui expressão de anseios que esta classe abastada almejava:

Em meu trajeto comecei a incomodar-me por ver o Sr. fiscal consentir pelas ruas um grande número de cavalos, cabritos e cães, que além da imoralidade que causam a todo momento, servem de incômodos ao passeante.

Me perguntarão talvez por que me incomodo com essas coisas, lhes responderei, porque já tenho sido testemunha ocular das maiores imoralidades com animais (que por decência deixo de falar) e vítima de uma queda em poço de lama motivadas por um cavalo que a toda brida vinha disparado. Tenho ou não razão para falar destes absurdos¹⁰.

A higienização, a fiscalização policial e as intenções dos grupos abastados estão evidentes nessas citações. A cidade não deveria ser palco de pedintes nem de animais; quem a merecia eram as pessoas de aparência digna, que não assustassem os viajantes por meio de “cenas degradantes”, como a presença de animais nos espaços públicos. Afinal, com as atividades portuárias, chegadas de navios e do trem trazendo comerciantes, visitantes, etc., a todo o momento à Laguna, era preciso que ela conservasse aspectos de uma urbe em pleno desenvolvimento. Intervenções efetivadas por autoridades em espaços públicos e privados foram analisadas por Sidney Chalhoub, no Rio de Janeiro e servem para compreendemos o funcionamento de alguns mecanismos de exclusão social e remodelação do espaço urbano:

Intervenções violentas das autoridades constituídas no cotidiano dos habitantes da cidade, sob todas as alegações possíveis e imagináveis, são hoje um lugar-comum nos centros urbanos brasileiros. Mas absolutamente não foi sempre assim, e essa tradição foi algum dia inventada, ela também tem a sua história (CHALHOUB, 1996, p. 19).

O deslocamento dos pobres de Laguna do centro para os bairros periféricos, talvez não tenha sido um processo de violência aberta como no Rio de Janeiro. Mas, esses vestígios e evidências apontam que os comerciantes reivindicavam do poder público o afastamento das “classes perigosas”¹¹ do perímetro central. Já as classes abastadas fizeram a primeira intervenção e exigiram que o setor público, por meio da polícia, desse continuidade ao processo. Como destaca Sidney Chalhoub, as “intervenções urbanas têm sua história” (1996, p. 19), e em Laguna, as reformulações de condutas e espaços de sociabilidades, bem como dos territórios, iniciaram na Primeira República.

Por meio das atividades portuárias a cidade estabelecia contato com outros centros urbanos, obtendo, assim, com maior facilidade, as informações sobre mudanças ocorridas nos padrões culturais e sociais, também facilmente incorporadas por aqueles que já faziam parte ou gostariam de estar entre as camadas mais abastadas da cidade.

Outros fatores que contribuíram para disseminar novos valores culturais foram os membros das elites locais. Segundo Elio Cantalicio Serpa, comerciantes, armadores, altos

funcionários públicos e profissionais liberais, membros das famílias tradicionais, que se deslocavam para outros centros em busca de estudos e/ou negócios, quando voltavam sentiam a necessidade de elevar sua cidade ao *status* de civilizada.

Laguna destacava-se por ter uma atividade portuária intensa e pelo comércio, afirma Serpa (1995). Gizely Cesconetto de Campos (2007, p. 41) enfatiza que com o “desenvolvimento das colônias (Azambuja, Urussanga, Grão-Pará, Princesa Isabel e Braço do Norte) os produtos por elas produzidos eram trazidos de trem e escoados através do porto de Laguna.” Aliado a este fator, a exploração de carvão no sul do estado também contribuiu para intensificação do uso do porto, sendo que na segunda metade do século XIX, Laguna assumia a 4ª posição no estado quanto à movimentação portuária. Como destaca Serpa, o porto era o meio mais rápido para o escoamento de mercadorias. Além disso, a passagem, chegada e saída de pessoas e mercadorias por meio deste canal de conexão com o mundo, implicava em conhecimentos sobre novas culturas e vivências múltiplas.

Imagem 7 - Vista do Porto de Laguna década de 1940.



Fonte: BITENCOURT, João Batista, 1997.

Além do carvão, produtos como banha, farinha, açúcar, madeira e aguardente faziam parte do abastecimento que movimentava o porto. Sendo um importante abastecedor da Praça

do Rio de Janeiro, segundo Lucena (1998), o porto foi decisivo para o crescimento econômico e social da cidade. Como afirma Saul Ulyssea, “o porto era bastante movimentado, no cais viam-se marinheiros, sentados sobre velas de navio estendidas, de repuxo e agulha, palomando-as e cosendo-as, em alegres algaravias” (ULYSSEA, 1943, p. 16). Além dos marinheiros que ali ficavam, muitas outras pessoas frequentavam aquele espaço para ver a chegada e a saída dos navios, transformando aquele lugar em um ambiente de sociabilidade, de encontros, de trocas de informação, estreitamento de laços de solidariedade, amizade e, por que não pensar nos primeiros encontros para organizar os espaços lúdicos, de solidariedade e de instrução.

A cidade e seus lugares, os afrodescendentes e seus espaços

Em se tratando de estudos sobre populações de origem africana em Santa Catarina, a historiografia já comprovou nos últimos anos a presença expressiva desses sujeitos durante a escravidão e após a Abolição. No início do século XX, os afrodescendentes de Laguna trabalhavam nas fábricas de banha, na estrada de ferro, como domésticas, como estivadores e na agricultura, ao menos aqueles que frequentavam o Clube União Operaria¹² e o Club Literário Cruz e Sousa¹³. Por meio de livros de registro de sócios e estatutos dessas sociedades recreativas, foi possível perceber que seus associados, em sua maioria, não faziam parte da elite, detentores dos bens materiais e dos meios de produção. Mas encontramos registros de ascensão social de alguns, e de exercícios de influência política e econômica naquela cidade.

Africanos e afrodescendentes são destacados na historiografia catarinense e regional como inexpressivos ou inexistentes. Essa abordagem é corroborada por alguns autores como Oswaldo Rodrigues Cabral, médico e higienista natural de Laguna, que muito escreveu sobre a história de Desterro, atual Florianópolis, e também sobre Laguna. Em seu livro *Laguna: e outros ensaios* (1939), Cabral reforça a tese de que em Santa Catarina as populações africanas e seus descendentes eram insignificantes. Para o autor, “é bem verdade que Santa Catarina foi insignificante em população escrava e a densidade do negro na totalidade catarinense uma das menores reveladas pelas estatísticas de épocas diferentes, em comparação à verificada em outras Províncias” [...]. “Não é de admirar”, continua, “que, com a reduzida porcentagem de cativos existentes em Santa Catarina que nada ou quase nada tenha ficado em nossa literatura e em nossa história a seu respeito” (1939, p. 166). Para suas análises, a inexistência de

grandes latifúndios, das grandes fazendas algodojeiras, cafeeiras e açucareiras foram os motivos da não existência de uma vasta quantidade de cativos e também de uma literatura sobre africanos e afrodescendentes.

As fontes que evidenciam a ausência de africanos e afrodescendentes no Sul do Brasil são relatos de alguns viajantes que comparavam Santa Catarina aos grandes centros exportadores, e os relatórios dos presidentes da Província. Em *Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas*, Fernando Henrique Cardoso utiliza-se dessas fontes para verificar a presença/ausência africana na Província catarinense,

Entretanto, numericamente a população escrava da Província cresceu continuamente, durante os primeiros cinquenta anos do século, atingindo pontos máximos na década de 1850 a 1860. Convém ponderar que, se, de um modo geral as estatísticas do passado são falhas, particularmente os dados para a população da Província de Santa Catarina, apresentados nos relatórios de 1855-56-58, pelo presidente J.J Coutinho, parecem pecar pela imprecisão quando cotejados com os dados que Araujo Brusque fornece para o ano de 1859, estes bem mais seguros, que apontam um número menor de escravos. De qualquer maneira, parece que neste decênio, a população escrava foi mais numerosa em Santa Catarina que em qualquer período do século XIX (CARDOSO, 2000, p. 125-126).

Fernando Henrique Cardoso afirma que a economia catarinense teve certo crescimento, mas não o bastante para envolver uma grande massa de cativos. Nesta perspectiva, na visão do autor, apenas com a chegada dos imigrantes europeus, na segunda metade do século XIX, o desenvolvimento e o progresso tornaram-se projeto na província. Ao pensar o desenvolvimento de Santa Catarina apenas após a entrada dos imigrantes, Cardoso, com base em alguns relatos de viajantes, comparando Santa Catarina aos grandes centros exportadores, considera inexpressivas as populações de origem africana na sua atuação nos diversos setores de desenvolvimento econômico da Província. Nesse contexto, acaba afirmando a hegemonia do imigrante europeu como o suposto empreendedor, não percebendo que os próprios números que ele traz contradizem a interpretação de que as populações de origem africana eram numericamente inferiores, presentes nas mais diversas atividades da Província.

“Se tomarmos dos dados do relatório Brusque, um dos melhores levantamentos da época, teremos o seguinte cômputo da população de toda a Província, em 1860, incluindo-se a população escrava” (CARDOSO, 2000, p. 131).

Quadro 1 - População da Província, em 1860.

Municípios	Livres	Libertos	Escravos	Total
Capital	15.552	796	3.597	19.945
São José	12.996	478	2.225	15.699
São Francisco	12.394	1.134	3.948	17.476
Laguna	23.994	6.148	3.310	33.452
São Miguel	7.376	1.326	963	9.665
Porto Belo	11.003	340	1.197	12.540
Lages	4.630	114	1.076	5.820

Fonte: Araújo Brusque, 1860.

Cardoso ainda aponta que na capital e arredores, o número de escravizados “quase sempre foi maior e mais constante que nos outros municípios, até 1872. Entretanto, a população de cor de cidades como São Francisco e Laguna era maior do que a de Desterro, porque nelas o número de libertos era grande” (CARDOSO, 2000, p. 131). Com os dados desse relatório, considerando que em Laguna existia uma quantia expressiva de libertos e cativos, ainda, assim, o autor interpretava essas fontes com a visão equivocada de que africanos e afrodescendentes compunham pequeno número, contrariando as próprias fontes que sugeriam a existência de um percentual considerável de homens e mulheres de ascendência africana.

Em relação especificamente à Laguna, o recenseamento de 1900 registrou no município 8.224 homens e 8.227 mulheres, somando um total de 16.451 habitantes. Em 1920 havia em Laguna 13.703 homens e 13.870 mulheres, perfazendo um total de 27.573 pessoas. O censo demográfico de 1940 registrava uma população de 33.218 habitantes classificados quanto à cor e sexo: brancos, 15.169 homens e 15.559 mulheres; pretos, 1.058 homens e 1.307 mulheres; pardos, 62 homens e 62 mulheres; um homem não declarou a cor.

Tabela I
População presente por sexo
Laguna- 1900

Município	Homens	Mulheres	Total
Laguna	8224	8227	16451

Fonte: IBGE- Censo Demográfico de 1900.

Tabela II
 População presente por sexo
 Laguna- 1920

Município	Homens	Mulheres	Total
Laguna	13703	13870	27573

Fonte: IBGE- Censo Demográfico de 1920.

Tabela III
 População presente por sexo e cor
 Laguna- 1940

Município	Branços		Pretos		Amarelos		Pardos		De cor ã declaração	
	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul
Laguna	15169	15559	1058	1307	-	-	62	62	1	

Fonte: IBGE- Censo Demográfico de 1940.

Segundo o censo de 1950, a população de Laguna era de 38.189 habitantes, composta da seguinte maneira, quanto ao sexo e cor: brancos, homens 17.442 e mulheres 17.938; pardos, 448 homens e 484 mulheres; pretos, 856 homens e 957 mulheres; e 74 não declaram a cor. Esses dados não constam na tabela do censo de 1950, mas em outro texto também produzido pelo IBGE analisando estatisticamente a população. A somatória total dos habitantes em Laguna, no mesmo censo é de 38.125 e não de 38.189, como consta nos registros oficiais.

Tabela IV
 População presente por sexo e cor
 Laguna- 1950

Município	Branços		Pretos		Amarelos		Pardos		De cor ã declaração	
	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul	Hom	Mul
Laguna	17442	17938	856	957	-	-	448	484	-	-

Fonte: IBGE- Censo Demográfico de 1950.

Os dados oficiais referentes ao censo de 1950 apresentam imprecisões, permitindo deduzir que em censos anteriores também tenham ocorrido erros, desencontro de informações.

Os registros alterados, ou uma vez apresentando alguma deficiência e sendo utilizados como fonte, devem ser inquiridos, investigados pelo historiador, por meio de leitura minuciosa, atentando para o que nem sempre é visível, cotejando com outras fontes para auxiliar na investigação de inquietações que partem do tempo presente.

A classificação por cor em 1900 e 1920 não foi descrita, pois esse tipo de registro tem seu retorno apenas em 1940. Os dados estatísticos do censo de 1940 indicavam a existência de 2.365 homens e mulheres em Laguna, que se identificavam como “pretos”; os “pardos” homens e mulheres somavam um total de 124; e em 1950, os pretos somavam 1.813 e os pardos 932. De 1940 para 1950 houve um aumento significativo daqueles que se autotransferiram como pardos e diminuiu o número de autotransferidos como pretos. Aqueles que se declararam “brancos” de 1900 a 1950 obteve maior crescimento segundo dados do IBGE.

Esses dados deixam inquietações quanto ao que levou, nestes dez anos, ao aumento significativo de pessoas declaradas como “pardas” e a redução daqueles que se classificavam como “pretas”. Podem existir infinitas explicações para as alterações desses números, desde imprecisões dos dados censitários à interferência dos recenseadores, classificando as pessoas de acordo com seus próprios critérios. Por fim, podemos pensar que aqueles (auto)classificados como pretos passaram a se declarar como pardos; os dados apontam para essa direção, indicando que o número de pretos diminuiu, deixando à luz tal questionamento.

A composição social de Laguna, a territorialização, ocorreu para atender categorias sociais distintas. Os territórios dos afrodescendentes de Laguna eram as sociedades recreativas, espaços para além das vias de resistência à exclusão, instituídos por meio da vontade, solidariedade, sociabilidade, desejo em ter um lugar próprio, em que pudessem viver entre seus “iguais”.

As marcas das populações de origem africana não foram deixadas somente com a construção dos espaços de sociabilidade, visto a presença desses homens e mulheres em toda cidade, como evidencia Saul Ulyssea na obra *A Laguna de 1880*. O autor traça um quadro expositivo da cidade, excursionando pela sua memória, descrevendo ruas, edificações, pessoas das mais simples as mais “distintas” e “honrosas”. Ulyssea, em uma de suas descrições minuciosas, mencionou a residência de alguns afrodescendentes nas áreas centrais da cidade, convivendo ao lado de comerciantes, exportadores, pessoas que faziam parte dos grupos sociais dirigentes.

O primeiro registro é evidenciado da seguinte forma: “na rua da praia, hoje atual Gustavo Richard, a não ser no primeiro quarteirão, raras casas eram ocupadas para a moradia. Em sua grande maioria serviam de estabelecimentos comerciais” (ULYSSEA, 1943, p. 29). Após descrever todos os estabelecimentos, residências e pessoas dessa rua, o autor possibilita vislumbrar em que condições viviam os afrodescendentes em Laguna, seus nomes, profissões etc. Ao lado de um sobrado pertencente ao comerciante José Pereira da Silva Candemil, diz o autor, “existia uma cêrca de taboas em mau estado e no interior uma meia água onde morava um preto, bom carpinteiro de nome Manoel Tavares. Preto bem falante que gozava de confiança geral devido a sua honestidade” (1943, p. 29).

Na Rua do Ouvidor, atual Osvaldo Aranha, até o final da Rua Fernando Machado do lado direito, existiam lá duas ou três casas baixas, sendo que “em uma delas morava uma preta parteira muito prática de nome Maria Lúcia que a creançada (sic) chamava de ‘dindinha Lúcia’. Era a parteira mais cotada” (ULYSSEA, 1943, p. 30). Na Rua Tenente Bessa, conforme relata Ulyssea, do lado esquerdo depois de uma cerca de taboas velhas, em “uma pequena casa morava o charuteiro Roberto e um menino de nome Ismael, muito comedido e de bons costumes. Esse menino foi mais tarde, um dos mais distintos funcionários públicos, o sr. Ismael Souza” (1943, p. 35).

Este mesmo Ismael Souza tornou-se presidente da Sociedade Recreativa União Operária nos anos de 1924 e 1925¹⁴. Na antiga Rua Direita, hoje denominada Raulino Horn, no lado esquerdo da via morava um alfaiate de nome Manoel Alano Fernandes Lima:

era o alfaiate da moda e vestia-se bem. Baixo, forte e de fisionomia simpática. Foi o único homem de côr que conseguiu vencer o preconceito da época contra os descendentes da raça negra, devido ao seu caráter, insinuação e delicadeza. Frequentava a melhor sociedade (ULYSSEA, 1943, p. 43).

Ainda na mesma rua morava um pardo de nome Sabino, barbeiro, residente numa “casinha” baixa aos fundos dos herdeiros do coronel Bessa. Já na Rua Santo Antônio, onde está localizada a atual sede da Sociedade Recreativa União Operária, morava uma parda de nome Felisbina. De acordo com o autor, do lado direito começava um terreno baldio, seguindo uma cerca e quatro casas baixas, sendo uma dessas de propriedade de Felisbina.

No Largo da Carioca, atualmente Praça Lauro Müller, localizava-se o Grupo Escolar Jerônimo Coelho, e antiga residência do tenente-coronel Joaquim José Pinto de Ulyssea, uma das casas mais bem construídas em Laguna na época. Nessa região residiam os herdeiros do tenente Francisco Freitas, próximo ao Morro da Carioca, e nas redondezas da casa dos

herdeiros do tenente “moravam uma parda de nome Iria, um preto de nome Manoel Francisco e um pardo alto conhecido como João Mujolo que puxava de uma perna devido a um ferimento na Guerra do Paraguai onde fora voluntário” (1943, p. 54).

Em outra habitação morava um preto da Costa, Antonio Wanzeller, que aos domingos, segundo o autor, de calças brancas e enormes sapatos esmolava para a Irmandade Nossa Senhora do Parto. Sua mulher, de nome Luiza, era parteira. Já na antiga Praça da Matriz, hoje Praça Marechal Floriano, no quarteirão que vai da Rua Voluntário Carpes até a Rua “Santo Antônio morava o carpinteiro pardo de nome Alípio, apelidado de bacalhau” (1943, p. 56).

Em direção ao Mar Grosso, não existiam muitas edificações, a partir do Largo da Carioca, do lado esquerdo residiam, nas imediações, “o pardo de nome Jerônimo, conhecido de Jerônimo Violá carpinteiro construtor de navios e na outra, o preto Cipriano, pedreiro. Ambos muito trabalhadores e que todos estimavam por serem honestos” (ULYSSEA, 1943, p. 61).

Após identificarmos esses personagens e seus lugares sociais no município de Laguna, comparando memórias de Saul Ulyssea com o Livro de Registro de Matrícula dos Sócios do Clube União Operária, e juntamente os anúncios no jornal *O Albor*, noticiando a composição das diretorias que estavam à frente do clube Cruz e Sousa, alcançamos um quadro que possibilitou identificar onde esses homens e mulheres residiam, quais eram suas profissões, seu estado civil, bem como suas redes de sociabilidades.

Os fragmentos permitem evidenciar a ascensão social de alguns membros dessas sociedades recreativas, bem como desavenças, disputas de poder, atividades lúdicas e beneficentes nessas agremiações, além de ficar evidente a circulação existente entre os membros dessas duas sociedades recreativas, quando identificamos as mesmas pessoas fazendo parte do quadro social das diretorias, que compunham essas agremiações.

A relação de profissões do Livro de Registro de Matrícula dos Sócios do União Operária e a Ata de fundação do Clube Cruz e Sousa, detalham as seguintes profissões: ajustador, pedreiro, professor, militar, negociante, escriturário, marceneiro, carpinteiro, operários, ourives, chofer entre outras. Interessante que estes dados contrapõem uma dada bibliografia (FERNANDES, 1965) no Brasil, que enfatizou a situação dos afrodescendentes como consequência única e exclusivamente da herança da escravidão. Quinze anos depois da Abolição era fundada uma sociedade recreativa em Laguna, que possuía em seu quadro, funcionários públicos, alfaiates, tipógrafos, carpinteiros, telegrafistas, professores, além de comerciantes – a União Operária. O mapa de profissões evidencia e contraria a visão de que

os afrodescendentes saíram despreparados para o mercado de trabalho, com o fim da escravidão.

O quadro de profissões da Sociedade Recreativa União Operária expõe que, mesmo trabalhando em profissões como pedreiros, carpinteiros, sapateiros entre outras de maior importância social, seus associados conseguiram, em poucos anos, recursos financeiros para se projetarem como uma “elite negra” em Laguna. A integração dos afrodescendentes no pós-escravidão não foi percebida no artigo de Eunice Sueli.

Nodari e Élio Cantalício Serpa (1995), destacam, em seus estudos, somente os clubes frequentados pelos grupos abastados de Laguna, não mencionando a existência de dois clubes fundados por afrodescendentes na cidade, desconsiderando a presença e atuação destes na vida cidadina e na construção de comportamentos e anseios ligados aos grupos aos quais pertenciam. Compreendemos, entretanto, que aquelas pessoas menos influentes perante as elites, também imprimiram seus modos de ser e estar no mundo, como podemos perceber no ofício endereçado ao senhor Francisco Rosa, responsável pelo *buffet* na Sociedade Recreativa União Operária:

De acordo com o nosso Estatuto não devem permitir em hipótese alguma que nos salões desta sociedade frequentem pessoas que não estejam decentemente trajadas, qualquer que seja o dia, seja para simples palestras ou jogos. Deves mostrar este ofício a todos os que não estiverem dentro desta exigência.¹⁵

Para eles, a vestimenta era essencial, mantendo-se adequadamente vestidas, ao que tudo indica, seguindo padrões de dignidade e respeitabilidade, como uma maneira de romper com estereótipos e ser percebidos positivamente perante os grupos dominantes e entre os seus. Outro indício que assinala atitudes de controle dos membros dessas sociedades está presente na lista de bibliografia que compõe a biblioteca da agremiação.¹⁶ Entre os livros do acervo constava o Código de Posturas Municipais de Henrique Monteiro de Abreu, fazendo-nos supor que o conhecimento do teor desse código de posturas municipais, associado ao Estatuto dessa sociedade, moldou as bases para o controle moral de seus membros.

Os autores destacam que Laguna possuía 17 sociedades recreativas e esportivas, citando entre elas, a Sociedade Musical União dos Artistas e a Banda Musical Carlos Gomes, ambas compostas, também, por afrodescendentes, fato não mencionado na publicação sobre a cidade:

Existem em Laguna, nesta época, em torno de 17 sociedades recreativas e esportivas, destacando-se o Club Blondin e a Sociedade Recreativa Congresso Lagunense, além de sociedades musicais: Sociedade Musical União dos Artistas,

Club Musical Lyra Comercial, Sociedade Musical Perseverança, e Banda Musical Carlos Gomes [...] cujas programações, de acordo com os jornais, eram as mais variadas (NODARI, SERPA, MERGENER, et al, 1995, p. 12).

Ao perceber os vários anúncios das sociedades recreativas nos jornais de Laguna, vislumbramos que esses autores não identificaram a existência de dois clubes construídos e frequentados por homens e mulheres descendentes de africanos e que se localizavam no centro da cidade, tendo em vista que deram destaque somente aos clubes dos grupos dirigentes de Laguna.

Possivelmente, valendo-se de um olhar eurocêntrico e invisibilizador de práticas sociais de africanos e seus descendentes, tais autores não perceberam que estas populações também faziam parte da vida sociocultural que movimentava Laguna, em suas noites de festas, retretas, saraus e apresentações teatrais, como é notório no anúncio publicado no jornal de maior circulação da cidade.

Realizou-se a 30 do mês findo a anunciada festa do Club Cruz e Sousa. As 9 horas da noite teve começo a referida festa, que constou recitativo, poesias e discursos tendo terminado com animadíssimo baile. Ao Club Cruz e Sousa apresentamos parabéns pela sua bem organizada diversão.¹⁷

Por meio de anúncios de divulgação das atividades desenvolvidas pelos clubes, como bailes e festas carnavalescas, percebe-se no Jornal *O Albor*, que Laguna tinha uma vida sociocultural dinâmica, haja vista seu *status* de porto mais importante do estado. Preocupados em apontar como os grupos dirigentes definiram seus espaços de sociabilidade, modos de vida, expectativas e aspirações, os autores não se atentaram em perceber como as camadas populares também se organizavam e compreenderam essas novas mudanças. Afinal, numa perspectiva da história que possa ser múltipla e desperta aos diferentes sujeitos, como enfatiza George Reid Andrews:

Os dominados sempre participam do processo de criação, e não somente como vítimas e pessoas desamparadas. Mesmo quando atuam de uma posição de fraqueza e desvantagem, suas ações e decisões desempenham um papel fundamental na determinação do curso da transformação histórica (1998, p. 40).

Os afrodescendentes em Laguna também construíram seus espaços na cidade, deixando evidentes seus projetos e aspirações. Os documentos que indicam tais atitudes são as normas de conduta expostas em seus estatutos e quantidade de anúncios referente a eventos sociais que esses indivíduos tornavam públicos, divulgando projetos coletivos e atividades

socioculturais por meio dos jornais. Além de expor suas ações que permitiam retirar da “apatia” os afrodescendentes componentes daquelas sociedades, também a construção de escolas próprias para seus associados era uma das preocupações e anseios.

As associações recreativas não estavam preocupadas somente com o lúdico. Investigando a constituição desses clubes sociais, estabelecendo diálogo com outras pesquisas, verificamos que os fundadores dessas agremiações se destacaram em suas atividades e/ou conseguiram certa estabilidade, obtendo rendimentos econômicos para a construção e manutenção desses espaços. Esses homens e mulheres que conquistaram prestígio e ascenderam socialmente podem ser considerados uma “elite negra”.

Os espaços de sociabilidades dos afrodescendentes em Laguna são marcados pela presença de homens e mulheres diversas. Esses territórios possibilitaram a conquista de autonomia, de mobilidade social, o acesso a bens culturais e materiais que a grande maioria de afrodescendentes não possuía naquele contexto. Nesse sentido, é que essas pessoas se tornam uma “elite negra”, não como um grupo detentor dos meios de produção e poder político (isso não significa ausência de influência política daqueles que possuíam maior prestígio social e representatividade nessas sociedades), mas à medida que os mesmos se distinguiram da “massa” de afrodescendentes, não somente em termos culturais e econômicos, mas também na maneira que se viam e percebiam o mundo.

Considerações Finais

Por meio de diferentes fontes e bibliografias, procuramos destacar ao longo do texto aspectos da presença de afrodescendentes em Laguna, sua organização na cidade e a criação de clubes recreativos. A construção de espaços de lazer e sociabilidade constituíram estratégias nestes territórios negros na história do Brasil e de Santa Catarina. Estes espaços e novas formas de sociabilidade possibilitaram a ascensão social, como indica o livro de registro da Sociedade União Operária, possibilitando a esses sujeitos espaços autônomos de lazer.

O presente artigo teve a intenção de contribuir para a desconstrução de uma visão equivocada e eurocêntrica sobre a região sul do país, contribuindo para evidenciar presenças, movimentos e criações geridas por afrodescendentes. Estes homens e mulheres marcaram presença em Laguna de diversas formas, em seus espaços de sociabilidade, em seus projetos coletivos constantemente divulgados ao público pela imprensa da época como foi possível perceber nas fontes analisadas.

Notas

¹ A cidade fez parte de acontecimentos importantes da História do Brasil, como a Guerra dos Farrapos (1835 a 1845) e a fundação da República Juliana (1839) - Estado independente do Império Brasileiro, aliado à República de Piratini, localizada no Rio Grande do Sul e que também se havia declarado independente do restante do País. Laguna, com suas ruas estreitas e casarios, tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1985, é a terceira cidade mais antiga do estado de Santa Catarina.

² Jornal O ALBOR. Laguna. 7 de maio de 1922, nº 953. O excerto foi adequado para o português normativo vigente na atualidade para fins de melhor compreensão dos leitores.

³ Senhor Gonçalo Barbosa. Entrevista concedida a Liliane Monfardini Ferndandes Lucena. Ver: LUCENA, 1998, p. 111.

⁴ Entrevista concedida a Marilise Luize dos Reis. Laguna, dezembro 2009.

⁵ Ironicamente, o mesmo conduziu reformas em Florianópolis no início do século, e área portuária no aterro norte, na década 1920.

⁶ “Infração de Posturas”. Jornal O ALBOR. Laguna, 18 de março de 1904. O excerto foi adequado para o português normativo vigente na atualidade para fins de melhor compreensão dos leitores.

⁷ COLEÇÃO DE LEIS 1841-1845. Lei de 4 de maio de 1845. Florianópolis: Biblioteca Pública Estadual de Santa Catarina, apud NODARI, 1995, p. 10.

⁸ “Editaes”. Jornal O ALBOR, 30 de novembro de 1911, apud CERPA, 1995, p. 10.

⁹ “Os Pedintes”. Jornal O ALBOR, Laguna, 26 de janeiro de 1919, apud SERPA, 1995, p. 10. O excerto foi adequado para o português normativo vigente na atualidade para fins de melhor compreensão dos leitores.

¹⁰ O PYRILAMPO, Laguna, 1 set. 1864, p. 3, apud BITENCOURT, 1997, p. 70.

¹¹ Para Mary Carpenter “as classes perigosas eram constituídas pelas pessoas que já houvessem passado pela prisão, ou as que mesmo não tendo sido, haviam optado por obter o seu sustento e o da família através da prática de furtos e não do trabalho”. Para os Deputados do Império do Brasil no final do século XIX, ser pobre significava fazer parte das classes perigosas, suas interpretações eram generalizadas sendo a “classe pobre e viciosa” e “viciosas” palavras “pobres” e “viciosos” significavam as mesmas coisas; neste caso, todos os pobres seriam viciosos. Ver: CHALHOUB, 1996, p. 20-22.

¹² Livro de Registro de Matrícula dos Sócios do União Operária 1919 a 1952.

¹³ **Ata de Fundação do Club Literário Cruz e Souza**, Cartório de Registro Civil de Laguna, 1948.

¹⁴ Livro ATA Sociedade Recreativa União Operária de 1924 a 1935, p. 4-5.

¹⁵ **Ofício expedido a Francisco Rosa, em 22 de maio de 1939.**

¹⁶ Livro ATA Sociedade Recreativa União Operária de 1924 a 1935, p. 30-32.

¹⁷ Jornal O ALBOR. Laguna. 10 de outubro de 1916, Nº 722.

Referências Bibliográficas

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

ARAUJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BITENCOURT, João Batista. Da salubridade à eugenia: cidade e população no Estado Novo. *Espaço Plural*, Ano VIII, nº 17, 2º semestre 2007, p. 55-64.

CAMPOS, Gizely Cesconetto De. *Patrimônio edificado de Laguna: conhecer, interpretar e preservar*. Tubarão 2007. Dissertação (Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina. UNISUL.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas*. Florianópolis: Insular, 2000.

CARUSO, Marilea Martins Leal; CARUSO, Raimundo C. *Índios, baleeiros e imigrantes: a aventura histórica catarinense*. Tubarão: Unisul, 2000.

-
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DALL'ALBA, João Leonir. *Laguna antes de 1880: documentário*. Florianópolis: Lunardelli: UDESC/DAPE, 1979.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Dominus: Ed. Univ. S. Paulo, 1965. 2v.
- GUEDES JUNIOR, Valmir. *Porto da Laguna: a luta de um povo traído*. Florianópolis: [s. n.], 1994.
- LEITE, Ilka Boaventura. *Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.
- LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de. *Laguna: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana*. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- NODARI, Eunice. S.; SERPA, Elio. C.; MERGENER, Flávia. DEL PRA NETTO, Cláudio. Laguna e Lages: reformulação das condutas e sociabilidades na Primeira República. *Revista Catarinense de História*, n° 3, 1995.
- REIS, Aloísio. *Brinca quem pode: territorialidade e (in) visibilidade negra em Laguna Santa Catarina*. Florianópolis. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Estado de Santa Catarina-UFSC.
- ULYSSEA, Saul. *A Laguna de 1880*. Florianópolis: IOESC, 1943.